

Alastram os despedimentos e cortes nos salários E também o conformismo dos trabalhadores

Nos últimos meses, constata-se uma tremenda intensificação do ataque às condições de vida dos trabalhadores e da população em geral, através de **despedimentos (colectivos ou selectivos), suspensões dos contratos de trabalho, falências, insolvências, lay-off's, salários em atraso, processos disciplinares, supressão de subsídios vários...** Toda uma panóplia de expedientes, baseados ou não no chamado Código do Trabalho, é posta ao serviço de capitalistas, financeiros e patrões para reporem (à custa dos trabalhadores), o sistema capitalista a funcionar **numa base menos especulativa** do que aquela que lhes proporcionou lucros fabulosos durante mais de duas décadas.

Agora que o assalto ao que restava no bolso dos menos favorecidos e a transformação destes em devedores eternos da banca e da finança já não pode continuar a dar-lhes os dividendos a que se habituaram, por esgotamento da galinha dos ovos de ouro, não lhes resta senão o caminho do empobrecimento generalizado da população (**incluindo o roubo descarado do dinheiro dos impostos para “salvar” bancos e instituições financeiras em “situação difícil”**), com a justificação da “crise” que **sabiam perfeitamente** estar a avolumar-se, enquanto enchiam tranquilamente os bolsos.

(continua na página 2)



1º de Maio Antiautoritário e Anticapitalista em Lisboa

(página 8)

“Motim de Caxias”: A farsa judicial continua... mas não sem resistência

(página 4)



Eleições à vista: não votes!

(página 6)

O futuro do capitalismo português

À medida que a produtividade do trabalho progride nos países capitalistas mais avançados, à medida que os custos com o chamado capital fixo se tornam de tal forma elevados que reduzem as despesas salariais a uns míseros 12 a 15% do total, a mão-de-obra barata vai perdendo cada vez mais a sua capacidade para se aguentar na corrida contra os capitais mais produtivos, ou seja, a principal arma nas mãos do capital português para se sustentar na luta contra o capital estrangeiro vai proporcionar-lhe um retorno cada vez menor. Não duvidemos, contudo, de que este retorno progressivamente menor da exploração da mão-de-obra barata se terá que traduzir necessariamente numa exploração agravada, acompanhada pela consequente depressão do nível de vida da classe trabalhadora portuguesa porque, à medida que a exploração do trabalho render cada vez menos mais-valia, o impulso para o agravamento dessa exploração será cada vez maior. Depois do desgaste que lhe foi infligido pela crise, a resolução da mesma não se vai traduzir num balão de oxigénio para o capitalismo português, mas antes o vai confrontar com o relativo agravamento das suas debilidades estruturais, o ainda maior esvaziamento das suas capacidades produtivas e a dizimação de boa parte do seu tecido empresarial, confrontado com uma produtividade do trabalho globalmente acrescida e um sistema capitalista internacional saneado, contra os quais terá novamente que se bater.

(página 9)

Trabalho precário: uma nova forma de escravatura

Empresas de Trabalho Temporário: os novos mercadores de escravos

A Conferência anual deste ano da Confederação Internacional das Empresas de Trabalho Temporário vai ter lugar em Lisboa, no Parque das Nações, de 27 a 29 de Maio. Ora, o trabalho temporário é um dos exemplos de precariedade laboral que está a aumentar desmedidamente. Em Portugal, os **trabalhadores precários** são já cerca de **milhão e meio**, dos quais, quase um terço é “contratado” através de empresas de trabalho temporário. Se adicionarmos os desempregados, os sub-empregados (trabalho parcial), os que estão sujeitos a formas encapotadas de desemprego (“empregados” em acções de formação, com reformas antecipadas, vítimas de rescisões por “acordo mútuo”, etc) e ainda os chamados trabalhadores ilegais, a percentagem de trabalhadores precarizados em Portugal pode ser estimada entre 40 e 50% do total de trabalhadores, o que seguramente nos coloca nos dois ou três primeiros lugares da precariedade na União Europeia.

(página 7)



(continuação da página 1)

E quando a única resposta a esta situação seria cerrar fileiras contra este ataque e não permitir que o patronato consiga “dividir para reinar”, é exactamente o oposto que tem sucedido na maior parte das fábricas e empresas: deixa-se despedir os “contratados a prazo” porque talvez sejam “só” eles, a seguir deixa-se despedir uma parte dos restantes porque talvez consigam ficar os outros, aceita-se mesmo a redução dos salários, por conta ou não de nebulosos acertos futuros, porque talvez assim não se perca tudo... e pouco a pouco, são já largas centenas de milhares os trabalhadores, e respectivas famílias, atirados para uma situação de cada vez maior pobreza, **engrossando o contingente de 2 milhões de pobres** que a meio do ano passado já se sabia existirem no nosso país

Além de quase terem desaparecido as greves em Portugal, salvo algumas honrosas excepções, e de se ter esquecido que a **solidariedade** entre trabalhadores é uma arma essencial da sua luta, chegou-se mesmo ao ponto de desconvocar uma greve numa empresa devido a uma diminuição na previsão do seu volume de vendas, segundo informação do patrão...

E, no entanto, depende, em muito, dos trabalhadores, não só suster como inverter a actual situação. Só os trabalhadores, auto-organizando-se com esse objectivo em mente, poderão vir a provocar um curto-circuito no funcionamento do capitalismo, através de greves com ocupação dos locais de trabalho, numa primeira fase, e numa segunda fase pondo a funcionar a produção no interesse de todos, autogerindo-a, suprimindo duma vez por todas a existência de privilegiados de qualquer espécie e promovendo a plena igualdade social.

Palmela – Greve na Visteon

Os trabalhadores da *Visteon*, multinacional norte-americana de Palmela, fizeram vários dias de greves parciais, em fins de Março, contra o aumento do preço das refeições e por aumentos salariais.

Trajouce – Greve na Vitrohm

Os trabalhadores da *Vitrohm*, fábrica de resistências eléctricas, estiveram em greve no dia 11 de Maio, exigindo à empresa que deixe de haver a suspensão da produção de um dia por semana (cerca de 20% de redução nos salários). Nesse mesmo dia, cerca de 50 trabalhadores concentraram-se à porta da fábrica gritando “trabalho sim, *lay-off* não”.

Sines – Greve no abastecimento de carvão à EDP

A greve no abastecimento de carvão à *EDP*, que teve lugar em 11 e 12 de Março, tinha como objectivo aumentos de salários e melhoria das condições de trabalho. Os trabalhadores em greve são contratados pela Manindústria, que por sua vez os “cede” à OIM, do grupo *EDP*. A *EDP*, que teve lucros milionários no ano passado (**1.092 milhões de euros**), utiliza trabalhadores precários para assegurar o abastecimento em carvão da sua Central Termoeléctrica de Sines.

Porto – Greve na Clear contra fim de subsídios

Os trabalhadores da *Clear* – *Instalações Electromecânicas*, do grupo Soares da Costa, fizeram greves parciais, em Abril e Maio, contra a supressão dos subsídios de refeição, transporte e tempo de viagem.

S. João de Ver – Trabalhadores de corticeiras em greve pelo pagamento dos salários

25 trabalhadores da *Corticeira Janosa* e da *Cortiças Nogueira* entraram em greve por tempo indeterminado, exigindo o pagamento dos ordenados em atraso (parte dos meses de Fevereiro e Março e a

totalidade de Abril), concentrando-se frente aos muros da empresa desde 19 de Maio.

Ovar – Lay-off na Salvador Caetano e na Yazaki Saltano, despedimentos na Lusotufo, encerramento da Arauto

A *Salvador Caetano*, com 300 trabalhadores em *lay-off*, tem parado a produção durante vários dias em cada mês.

A *Yazaki Saltano*, que em 8 de Abril tinha informado que iria reduzir o tempo de trabalho – e os salários – de 768 dos seus 1.340 trabalhadores (cf. *Boletim An.-Sindicalista* n°31), acabou por colocar em *lay-off* 791 trabalhadores e não 768. O Grupo *Lusotufo*, empresa do sector dos pavimentos têxteis, colocou 74 trabalhadores em *lay-off*.

A *Arauto*, empresa de calçado, vai encerrar entrando em insolvência e sem ter pago aos seus 150 trabalhadores os salários desde Abril e metade dos subsídios de Natal. Além disso, a intenção da empresa é, através do mecanismo de insolvência, não pagar quaisquer indemnizações aos trabalhadores, que teoricamente as poderão vir a reclamar à Segurança Social.

Castelo Branco – Greve desconvocada nas minas da Panasqueira

Uma greve que tinha sido convocada pelo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Mineira para 24 e 25 de Abril, foi desconvocada após a empresa *Beral*, que explora as minas da Panasqueira, ter informado que a venda de minério iria passar de 165 toneladas/mês para 100.

Torres Vedras – Grupo Fonsecas quer despedir 50 trabalhadores

O Grupo *Fonsecas*, empresa do ramo automóvel com stands de venda em Torres Vedras, Caldas da Rainha, Loures e Santarém, pretende despedir este ano 1/4 dos seus 200 trabalhadores, segundo justifica, “para evitar a falência”.

Seia – A ARA e a Beiralã despedem 150 trabalhadores

A fábrica de calçado *ARA* vai despedir mais 30 trabalhadores. O grupo *ARA*, que tem em Portugal outra fábrica em Vila Nova de Gaia, é o maior empregador de Seia, onde tem 400 trabalhadores.

A *Beiralã*, fábrica têxtil já em processo de insolvência e contratos de trabalho suspensos desde Setembro, vai despedir mais 120 trabalhadores.

Viana do Castelo – A Coindu despede 400 trabalhadores, a Leoni 120

A *Coindu*, com sede em Viana do Castelo e fábricas em Famalicão e Arcos de Valdevez, é a maior empresa têxtil de Portugal e anunciou o despedimento colectivo de 400 dos seus 1700 trabalhadores, além de não renovar o contrato aos contratados a prazo.

A *Leoni de Viana do Castelo*, que faz parte dum grupo com 51.000 trabalhadores e 700 fábricas no mundo inteiro e fabrica cablagens para automóveis, já tinha reduzido a produção de 5 para 4 dias de trabalho desde Janeiro, o que se tem traduzido na redução dos salários na mesma proporção, sem qualquer compensação (o ordenado médio na *Leoni* ronda os 600 euros). Agora, anunciou o despedimento colectivo de 120 dos seus 722 trabalhadores da fábrica de Viana do Castelo.

Évora – A Tyco Electronics despede 110 trabalhadores após lay-off

A fábrica de Évora da multinacional *Tyco Electronics* (componentes electrónicos para a indústria automóvel), que já tinha entrado em *lay-off* parcial em 8 de Janeiro (cf. *Boletim An.-Sindicalista* n°30), anunciou agora que vai proceder ao despedimento colectivo de 110 dos 536 trabalhadores já com contrato suspenso desde essa data (num total de 1.600).

S. João da Madeira – A Oliva e a Faurecia em *lay-off*

A *Fundição Oliva* pôs em *lay-off*, durante seis meses a partir do mês de Maio, 178 dos seus 198 trabalhadores, ficando 6 com o contrato de trabalho suspenso. Os trabalhadores da Oliva têm ainda por receber os prémios de produção desde Abril de 2008, tal como o subsídio do último Natal.

Na *Faurecia*, empresa de componentes para automóveis, 422 trabalhadores do sector químico foram colocados em *lay-off* até Setembro. A Faurecia emprega 2.700 trabalhadores em Portugal.

Sta. Maria da Feira – A Cifial em *lay-off*

190 dos 370 trabalhadores da *Cifial*, empresa de ferragens, vão ser colocados em regime de *lay-off* durante 3 meses. Ludgero Marques, ex-presidente da Associação Empresarial de Portugal, é o proprietário da Cifial. **Segundo promete a empresa**, os trabalhadores irão receber formação durante esse período e continuarão a receber a totalidade dos salários.

Guarda – A Dura Automotives em *lay-off*

A *Dura Automotives Portuguesa*, fábrica de acessórios para a indústria automóvel, está em *lay-off* desde o mês de Março, mas os trabalhadores afirmam que a empresa já está em condições de retomar a laboração “normal”, dado que o *lay-off* previa a suspensão do trabalho às quintas-feiras, o que nem sempre tem acontecido, tendo a empresa aproveitado para criar mais um turno de trabalho com os mesmos trabalhadores...

Vilarelho – A Regency em *lay-off*

A *Regency*, empresa de confecção de fatos em Vilarelho, Caminha, após duas semanas de suspensão da produção, entrou em *lay-off* por seis meses, a partir do mês de Junho.

Perafita – A MBO Binder em *lay-off*

A *MBO Binder*, empresa alemã que fabrica máquinas gráficas, colocou os seus 235 trabalhadores em *lay-off* a partir do mês de Abril, situação que pretende impor durante seis meses. A grande maioria dos trabalhadores já estão com cortes de um terço no ordenado. O ordenado médio na *MBO Binder* ronda os 600 euros.

Tomar – A Platex em *lay-off*

A *Platex, Indústria de Fibras de Madeira*, única produtora de platex em Portugal, entrou em *lay-off* a partir de 25 de Maio, estando os seus 260 trabalhadores confrontados com a possibilidade de o *lay-off* vir a transformar-se em falência da empresa.

Coimbra – Insolvência da Real Cerâmica

A *Real Cerâmica*, sediada em Antanhol, Coimbra, vai entrar em insolvência a partir

Lay-off e desemprego disparam em Portugal

Só entre Janeiro e Abril deste ano, **10.500 trabalhadores**, de 192 empresas, foram atingidos por processos de entrada em *lay-off*. Ao mesmo tempo, disparou o número de novos desempregados **inscritos** nos centros de emprego, que registou em Março deste ano a maior subida mensal dos últimos 30 anos, se comparada com o mesmo mês do ano anterior. Estavam inscritos, no final de Março, 484.131 desempregados (**65.743 novos desempregados só em Março**), sobretudo no Norte do país (43% do total). E 181.000 destes inscritos não recebiam subsídio de desemprego.

Estes números, gritantes em si mesmos, não dão uma ideia exacta da situação criada pelo desemprego que se vive hoje em Portugal, pois não pode esquecer-se que não englobam, por exemplo, nem as situações de falso emprego e sub-emprego, nem os chamados trabalhadores ilegais sumariamente “despedidos”, nem o desemprego encapotado através de reformas antecipadas “voluntárias” ou de rescisões de contratos por “mútuo acordo”, nem os desempregados riscados da lista por razões burocrático-administrativas.

A manter-se o ritmo actual, podemos estimar que o total de desempregados reais não deverá andar longe de 1 milhão em finais de Junho.

do mês de Junho e proceder ao despedimento colectivo dos seus 80 trabalhadores (dos quais 70 já tinham os contratos de trabalho suspensos), que estão há algum tempo com salários e subsídios vários em atraso...

Cacém – Protesto dos trabalhadores da Papelaria Fernandes contra despedimentos após insolvência da empresa

Os trabalhadores da *Papelaria Fernandes* concentraram-se junto à fábrica no Cacém, protestando contra o pedido de insolvência da empresa, pois, segundo eles, será criada uma nova sociedade na qual nem todos serão readmitidos, prevendo-se que sejam despedidos mais de 100 trabalhadores, num total de 360. Por outro lado, exigem também o pagamento dos ordenados em atraso.

Oliveira do Hospital – Insolvência da HBC, suspensão dos contratos de trabalho na Mundiveste

A *HBC*, empresa de confecções, iniciou o processo de insolvência, o que coloca os seus 170 trabalhadores, cujos ordenados já não eram pagos desde Fevereiro, no desemprego.

A *Mundiveste*, empresa de confecções, suspendeu os contratos de trabalho dos seus 56 trabalhadores na última semana de Maio.

Espinho – Insolvência da Jotex

A empresa de malhas *Jotex* foi declarada insolvente em 12 de Maio, vendo assim os seus 62 trabalhadores confirmada a sua situação de desempregados.

Funchal – Fecho do Hotel Savoy Classic lança trabalhadores no desemprego

O *Savoy Classic*, hotel do Funchal, Madeira, encerrou definitivamente em 11 de Maio, atirando para o desemprego os 99 trabalhadores que ainda aí permaneciam (note-se que só no mês anterior ao encerramento 70 trabalhadores já tinham rescindido o contrato por “mútuo acordo”...). O hotel, do qual um dos proprietários é o conhecido especulador

bolsista Joe Berardo (profissão: investidor, diz ele), vai ser demolido para dar lugar a um novo hotel.

Tortosendo – Insolvência da Vesticon

A *Vesticon*, empresa de confecções, entrou em insolvência, o que lançou cerca de 200 trabalhadores no desemprego. Estes têm salários em atraso desde Fevereiro, bem como metade do subsídio de férias e o subsídio de Natal de 2008.

Setúbal – Taiyo fecha e lança 70 trabalhadores no desemprego

A *Taiyo Singapore*, fábrica de componentes para automóveis, fechou em fins de Maio, atirando para o desemprego 70 trabalhadores. Grande parte dos trabalhadores estiveram, nos últimos meses, em formação no Instituto do Emprego e Formação Profissional, mas esta formação não foi mais do que um adiamento do despedimento, contribuindo para uma aceitação cada vez maior da “inevitabilidade” deste desfecho.

Vila do Conde – A Quimonda despede trabalhadores e suspende contratos, a Imperconser entra em insolvência

A *Quimonda*, fábrica de semi-condutores em Vila do Conde, que já tinha deixado de renovar os contratos a prazo desde o mês de Janeiro, o que atingiu cerca de 300 trabalhadores, vai agora suspender os contratos de trabalho, por seis meses, a outros 800, ou seja, entre reuniões e mais reuniões com governantes, autarcas e “investidores interessados”, de “negociação” em “negociação”, a multinacional vai-se descartando, aos poucos, dos seus trabalhadores em Portugal (eram 1.637 em Janeiro), sem que tal suscite reacções de protesto por parte destes, como seria lógico que acontecesse, e prepara tranquilamente o mais que provável encerramento definitivo da sua fábrica em Portugal... Também a *Imperconser*, fábrica de conservas em Caxinas, lançou os seus 170 operários no desemprego ao entrar em insolvência em Abril.

“Motim de Caxias”: A farsa judicial continua... mas não sem resistência

No dia 20 de Maio teve lugar mais uma sessão do julgamento dos 25 acusados do chamado “Motim de Caxias” de Março de 1996. Foram ouvidas “importantes” testemunhas da acusação, que não conseguiram reconhecer os arguidos, nem identificá-los como autores das barricadas e do fogo, referindo apenas dois deles como representantes dos reclusos.

Mais uma vez foi banalizado o verdadeiro motivo desta revolta e foram minimizados todos os protestos e reivindicações já feitos até à altura. A juíza permaneceu indiferente à maior parte dos problemas reais existentes na prisão (falta de assistência sanitária, negligência médica, falta de higiene, prepotências...), tantas vezes referidos nas declarações já ouvidas. O número de feridos referido nestas declarações foi de apenas “2 guardas e 2 ou 3 reclusos”, quando na verdade foram brutalmente espancados cerca de 180 homens durante 4 dias, alguns dos quais, repetidamente.

De novo, dezena e meia de anarquistas concentraram-se em frente do Tribunal de Oeiras, para contestar esta farsa, distribuindo panfletos contra o sistema carcerário e judicial e o jornal “Presos em Luta”, acerca da luta dentro das prisões portuguesas entre 1994 e 1996. As paredes dos edifícios circundantes estavam devidamente decoradas com pintadas e cartazes alusivos a esta luta. A certa altura, no interior da sala onde decorria a sessão do julgamento ouviram-se os gritos dos que, na rua, expressavam a sua solidariedade, aos quais se somaram também alguns dos arguidos.

Registaram-se ainda alguns incidentes quando um arguido se insurgiu contra o facto de estar a ser vigiado e intimidado pelos guardas prisionais presentes na sala e depois, quando um guarda exigiu ter acesso ao que uma das assistentes desenhava enquanto assistia ao julgamento. Os assistentes levantaram-se e protestaram, seguidos por muitos dos arguidos, dirigindo protestos aos guardas e demais autoridades presentes. De seguida a juíza mandou evacuar a sala. A sessão terminou pouco depois, com a juíza a ser incapaz de impor a ordem na sala e de silenciar os gritos que vinham do exterior.

A próxima sessão decorrerá no próximo dia 17 de Junho.

Artigo elaborado com base nas crónicas publicadas em:
www.redelibertaria.blogspot.com e
www.presoemluta.tk

Anarco-Sindicalismo em Debate



No dia 30 de Maio, recebemos dois companheiros da CNT (Confederación Nacional del Trabajo), secção da AIT em Espanha, convidados a participarem numa sessão de divulgação e de discussão sob o tema “Anarco-sindicalismo em debate”. A actividade reuniu cerca de uma dezena de pessoas no espaço do Centro de Cultura Libertária em Almada.

Este debate integrou-se numa tentativa de dar a conhecer as práticas anarco-sindicalistas de companheiros, como os da CNT-AIT, que possuem uma experiência de vários anos de acção sindical, uma vez que a AIT-SP não possui ainda esse tipo de acção.

A sessão iniciou-se com as intervenções de militantes da AIT - Secção Portuguesa que fizeram uma breve introdução à história do movimento anarco-sindicalista em Portugal e à situação actual da AIT-SP e suas perspectivas.

Em Portugal a força do movimento sindicalista revolucionário fez-se sentir sobretudo nas primeiras três décadas do século XX. Então federados na União Operária Nacional, a partir de 1914, e na Confederação Geral do Trabalho, a partir de 1919, os sindicatos recorriam aos métodos e formas de organização do anarco-sindicalismo, dinamizando a resistência dos trabalhadores através da acção directa, promovendo a auto-organização e solidariedade entre os seus membros e propugnando uma transformação radical da sociedade. A imprensa operária era da mais lida do país, tendo *A Batalha*, o jornal da CGT, chegado a ser o terceiro diário de maior tiragem no país. A Revolução Russa, em 1917, trouxe consigo uma cisão no movimento operário, levando os partidários do bolchevismo a fundarem o Partido Comunista Português, em 1921, e posteriormente a Comissão Intersindical, que embora minoritária se tornou concorrente da CGT. O advento da Ditadura Militar, em 1926, e a consolidação do Estado Novo, nos anos 30, forçou os militantes libertários a entrarem na clandestinidade. A revolta de 18 de Janeiro de 1934 representou o último grande acto concertado da organização sindicalista revolucionária, seguindo-se a repressão do fascismo para muitos militantes, presos, torturados e deportados para o campo de concentração do Tarrafal ou para Timor. Sem apoios externos, ao contrário do que acontecia com o PCP, o movimento

libertário dificilmente conseguiu sobreviver à clandestinidade. Aquando do 25 de Abril de 1974, apenas alguns núcleos de velhos militantes, a que se somaram muitos jovens com referências distintas, persistiam, tentando reconstituir o movimento libertário e a organização anarco-sindicalista. Infelizmente, estes esforços não desenvolveram os seus frutos, por motivos internos e externos aos anarquistas, e o sindicalismo passou a ser monopólio exclusivo da CGTP e da UGT.

A Secção Portuguesa da AIT, enquanto pequeno grupo de militantes dedicados sobretudo à divulgação do anarco-sindicalismo e a acções de protesto e solidariedade, foi criada em 1996, aquando da sua adesão à AIT no Congresso realizado em Madrid. Desde então, a sua actividade tem tido altos e baixos. Nos últimos dois anos, fruto de um maior esforço militante, esta actividade tem adquirido um maior dinamismo, constituindo, a nosso ver, o mínimo necessário à criação de embriões de uma organização anarco-sindicalista que se possa desenvolver no futuro.

Seguiu-se a intervenção do companheiro Óscar, da Secção Sindical da CNT na empresa EDM-Séneca de Mancha Real (Jaén). A EDM (Electronic Devices Manufacturer) é uma empresa de fabrico de computadores que emprega pessoal com algum tipo de incapacidade. Desta forma, recebeu, ao longo dos anos, muitos apoios do Estado. A Séneca é uma empresa de consultoria e programação informática criada pela EDM e que funciona nas mesmas instalações, embora sendo formalmente uma empresa distinta.

Em Março de 2008, Óscar era o único militante da CNT no centro de trabalho da EDM-Séneca, quando os salários deixaram de ser pagos com regularidade. Os trabalhadores foram os primeiros a sofrer com a má gestão da Administração, que fez desaparecer misteriosamente alguns milhões de euros dos fundos da empresa. O Comité de Empresa era então dominado pelo sindicato UGT. Através da actividade sindical de Óscar, que começou a informar os trabalhadores dos seus direitos e a pôr em questão o comité de empresa da UGT, os trabalhadores começaram a discutir os problemas em assembleias e a reivindicar os seus direitos. Logo, formou-se a Secção Sindical da CNT. Em Novembro de 2008, Óscar foi despedido, numa clara tentativa de repressão patronal contra a acção desenvolvida pela Secção Sindical. De imediato foi convocada uma greve por período indefinido. Poucos dias depois, conseguiu-se obter a readmissão de Óscar e o ambiente na empresa alterou-se bastante, tendo os trabalhadores obtido melhores condições e direitos. Em Fevereiro deste ano, o incompetente administrador da empresa foi afastado, mas era já tarde de mais, uma vez que eram muitas as irregularidades e avultadas as dívidas da empresa. No início de Março, os trabalhadores declaram-se em greve

indeterminada exigindo o pagamento dos salários devidos e a viabilização da empresa, situação em que permanecem até hoje. Vêm-se sucedendo as manifestações e as pressões junto das autoridades, mas o mais certo é que a empresa não volte a laborar, devido ao inexplicável buraco de alguns milhões de euros. Face a isto, os trabalhadores da secção sindical da CNT colocam a hipótese de virem a formar uma cooperativa de trabalho organizada segundo princípios libertários.

Tudo isto foi conseguido numa empresa em que havia, de início, apenas um anarco-sindicalista.

De seguida, tomou a palavra o companheiro Juan, do Sindicato de Ofícios Vários de Jaén, da CNT-AIT, que fez uma intervenção acerca do que é actualmente a CNT, defendendo-a contra algumas críticas de que esta é por vezes objecto, por parte de diferentes sensibilidades, de dentro e de fora do movimento libertário.

Aos que acusam a CNT de não ser um sindicato que represente os trabalhadores, contesta-se que esta não pretende integrar os “comités de empresa”, órgãos de uma “representatividade outorgada pelos inimigos da classe trabalhadora (o Estado e o patronato)”, procurando, isso sim, a auto-organização dos trabalhadores através das secções sindicais e das assembleias, à margem de líderes e de estruturas verticais. A CNT está actualmente presente em praticamente todas as regiões do Estado espanhol e cada vez mais presente nas empresas, através das suas secções sindicais e dos seus militantes, travando vitoriosamente, de acordo com os seus princípios, tácticas e finalidades, conflitos que afectam centenas de trabalhadores e trabalhadoras e que possibilitam melhorias

para estes. Isto sem esquecer o objectivo de, com estas lutas, forjar um movimento com capacidade para realizar a tarefa de, desde já e quotidianamente, transformar radicalmente a sociedade, segundo princípios libertários.

Alguns consideram a CNT uma organização demasiado burocrática, mas os que de tal a acusam são muitas vezes contra qualquer tipo de organização anarquista. Ora, os anarco-sindicalistas da CNT propugnam o anarquismo organizado, de classe, e a luta contra o capitalismo através da federação das trabalhadoras e trabalhadores do mundo inteiro, uma organização auto-responsável, de militantes, onde se viva quotidianamente a luta e se cresça a todos os níveis (sindical, social e cultural), nos locais dos sindicatos, nos ateneus, mas também no trabalho e nas empresas.

A confederação anarco-sindicalista não ambiciona encarnar todo o anarquismo espanhol. No entanto, não se abstém de lutar pela transformação da sociedade a todos os níveis. Para além da acção estritamente sindical, os sindicatos da CNT desenvolvem um importante labor em muitas outras áreas, como, por exemplo, na recuperação da memória histórica libertária, na luta contra a mercantilização da cultura, contra a privatização da saúde e do ensino, na auto-organização dos estudantes contra o Plano Bolonha, na luta anti-racista e antifascista, contra a destruição do meio ambiente, na defesa dos espaços ocupados ou contra os nacionalismos e pátrias. Desenvolvem ainda uma abundante actividade formativa e cultural, realizando debates, apresentações de livros, vídeo-fóruns ou jornadas culturais.

O debate prosseguiu animado com muitas questões lançadas pelos presentes, sobretudo viradas para a estratégia de desenvolvimento do anarco-sindicalismo na região portuguesa, comparando as situações vividas em ambos os Estados. Os companheiros deram-nos conta das questões que hoje estão na ordem do dia dentro da CNT e das diferenças assumidas pelos diferentes sindicatos na hora de passar à prática. A título de exemplo, o Sindicato de Jaén segue uma estratégia diversa, por exemplo, da Federação Local de Sevilha, esperando que sejam os trabalhadores a procurar a CNT e a terem a iniciativa de auto-organizarem as lutas com o apoio do sindicato, em vez de ser a CNT a forçar o contacto com os trabalhadores.

Os companheiros da CNT acentuaram a necessidade de se promover constantemente a auto-formação sindical e o conhecimento da legislação laboral, tarefa para a qual não é necessária a existência de um advogado, mas sim a vontade e responsabilidade dos militantes. Embora o aconselhamento jurídico profissional seja por vezes importante, as lutas anarco-sindicalistas travam-se antes de mais pela acção directa e também não procuramos construir meros gabinetes de apoio jurídico, à semelhança do que acontece com outros sindicatos.

Foi bastante frutífero o debate realizado, tanto pela partilha de conhecimentos práticos como pelo convívio fraterno que se proporcionou entre companheiros, que dá um significado profundo à existência da Associação Internacional d@s Trabalhador@s. Por tudo isto, o nosso obrigado aos companheiros da CNT de Jaén.



Realizou-se a Feira do Livro Anarquista em Lisboa

Decorreu nos dias 23, 24 e 25 de Maio a Feira do Livro Anarquista, no espaço da Interpress, no Bairro Alto em Lisboa.

Face à mesma iniciativa realizada o ano passado verificou-se uma substancial melhoria na organização do espaço, fruto do trabalho do grupo organizador. A iniciativa foi um sucesso quer pela

qualidade e diversidade dos materiais apresentados, quer pelo espaço de saudável convívio entre libertários que se propiciou durante os três dias.

Para além das bancas presentes, houve ainda lugar para um preenchido programa de debates, filmes e saborosos jantares vegetarianos. As paredes do espaço

acolheram ainda uma exposição de cartazes anarquistas das últimas três décadas.

A AIT-SP esteve presente com uma banca com publicações por nós editadas – caso do *Boletim Anarco-Sindicalista* e da nova revista teórica e cultural *Apoio Mútuo* – e de outras secções da AIT.

Eleições à vista: não votes!



Organiza-te

Objecção: se os revolucionários não votam, abandonam o poder aos não revolucionários. Notemos que esta observação não pode ser feita por um revolucionário consciente, já que todo o indivíduo instalado no poder, mesmo que temporariamente, não pode ser um revolucionário.

Com efeito, o fim de um revolucionário consciente é – *não a conquista – mas a destruição do poder*. Poder-se-á ter esperanças de destruir o poder, continuando-se a fazê-lo funcionar, dando-se provas de que se é conservador?

O eleitor, dissemos nós, é conservador, porque fabrica uma engrenagem da autoridade, a engrenagem essencial, sem a qual não há autoridade.

O eleito, que é essa engrenagem, é necessariamente conservador, porque é porção actuante da autoridade, é a autoridade.

Mesmo supondo que eleitores e eleitos estejam desejosos de destruir o poder, o facto de haver eleitos contribui – não para destruir o poder – mas para justificá-lo.

Além disso, querer impor a liberdade pela autoridade, parece bizarro. A liberdade e a autoridade, dissemo-lo bastantes vezes, são incompatíveis, a tal ponto que uma aumenta, à medida que a outra diminui, e vice-versa.

Paraf-Javal, “O absurdo da política”

O Criminoso

És tu o criminoso, ó Povo, já que és tu o Soberano. És, é verdade, o criminoso inconsciente e ingénuo. Votas e não vês que és vítima de ti mesmo.

Contudo, não reparaste ainda por experiência própria que os deputados, que prometem defender-te, como todos os governos do mundo presente e passado, são mentirosos e impotentes?

Sabe-lo e queixas-te disso! Sabe-lo e nomeia-los! Os governantes, quaisquer que sejam, trabalharam, trabalham e trabalharão pelos seus interesses, pelos das suas castas e das suas súcias.

Onde foi e como poderia ser de maneira diferente? Os governados são subalternos e explorados: conheces algum que o não seja?

Enquanto não tiveres compreendido que só a ti cabe produzir e viver à tua maneira, enquanto suportares – por medo – e fabricares – por crença na autoridade necessária – chefes e directores, fica também a sabê-lo, os teus delegados e os teus amos viverão do teu labor e da tua patetice. Queixas-te de tudo! Mas não és tu o autor das mil chagas que te devoram?

Queixas-te da polícia, do exército, da justiça, das casernas, das prisões, das administrações, das leis, dos ministros, do governo, dos financeiros, dos especuladores, dos funcionários, dos patrões, dos padres, dos proprietários, dos salários, dos desempregados, do parlamento, dos impostos, dos fiscais da alfândega, dos possuidores de rendimentos, da carestia dos víveres, das rendas dos prédios rústicos e urbanos, dos longos dias de trabalho na oficina e na fábrica, da magra ração, das privações sem conta e da massa infinita das iniquidades sociais.

Queixas-te, mas queres a manutenção do sistema em que vegetas. Revoltas-te, por vezes, mas para recomeçar sempre no mesmo. És tu que produzes tudo, que lavras e semeias, que forjas e teces, que amassas e transformas, que constróis e fabricas, que alimentas e fecundas!

Porque não consumes até à saciedade? Porque és tu o mal vestido, o mal alimentado, o mal abrigado? Sim, porque és o Zé Ninguém sem pão, sem sapatos, sem morada? Porque não és o senhor de ti mesmo? Porque te curvas, obedeces, serves? Porque és tu o inferior, o humilhado, o ofendido, o servidor, o escravo?

Elaboras tudo e nada possuis? Tudo é por ti e tu nada és.

Engano-me. És o eleitor, o maníaco do voto, o que aceita o que é; o que, pelo boletim de voto, sanciona todas as misérias; o que, ao votar, consagra todas as suas servidões.

És o criado voluntário, o doméstico amável, o lacaios, o serviçal, o cão que lambe o chicote, que rasteja diante do pulso teso do dono. És o chuí, o carcereiro e o bufo. És o bom soldado, o guarda-portão modelo, o locatário benévolo. És o empregado fiel, o servidor dedicado, o camponês sóbrio, o operário resignado com a sua própria escravatura. És o carrasco de ti mesmo. De que te queixas?

És um perigo para nós, homens livres, para nós, anarquistas. És um perigo de igual modo que os tiranos, os senhores que crias para ti próprio, que nomeias, que apoias, que alimentas, que proteges com as tuas baionetas, que defendes com a tua força de bruto, que exaltas com a tua ignorância, que *legalizas* com os teus boletins de voto – e que nos impões com a tua imbecilidade.

És bem o Soberano que bajulam e levam à certa. Os discursos lisonjeiam-te. Os cartazes prendem-te a atenção; gostas das parvoíces e que te façam a corte: satisfaz-te, enquanto aguardas que te fuzilem nas colónias, te massacrem nas fronteiras, à sombra ensanguentada da tua bandeira.

Se línguas interesseiras lambem à volta da tua real bosta, ó Soberano!; se candidatos sedentos de posições de chefia e atafalhados de banalidades escovam o espinhaço e a garupa da tua autocracia de papel; se te embriagas com as lisonjas e as promessas que te vertem os que sempre te traíram, te enganam e vender-te-ão amanhã: é porque te pareces com eles. É porque não vales mais que a horda dos teus famélicos adutores. É porque, não tendo podido elevares-te à consciência da tua individualidade e da tua independência, és incapaz de te emancipar por ti mesmo. Não queres, portanto, não podes ser livre.

Vamos, *vota bem!* Tem confiança nos teus mandatários, acredita nos teus eleitos.

Mas deixa de te queixar. Os jugos que suportas, és tu mesmo que tos impões. Os crimes de que padeces, és tu que os cometes. És o senhor, és o criminoso e, ó ironia!, és o escravo, és a vítima.

Nós, saturados da opressão dos amos que nos dás, saturados de suportar a sua arrogância, saturados de suportar a tua passividade, vimos chamar-te à reflexão, à acção:

Vamos, tem um bom movimento: despe o hábito estreito da legislação, lava o teu corpo rudemente, a fim de que rebentem os parasitas e a bicharia que te devoram. *Só então poderás viver plenamente.*

O CRIMINOSO É O ELEITOR!

Albert Libertad, Proclamação do jornal “L’anarchie”, Março de 1906

Pela greve eleitoral!

Já se afinam as baterias para as eleições europeias, os partidos abrem os cofres para verem satisfeitos os seus interesses políticos e principalmente os seus interesses económicos.

Estes senhores apontam agora o seu discurso para o maior inimigo da política: a abstenção, esta é pois o grande temor de quem pretende representar o povo nos parlamentos, no entanto só se representando a si próprios.

A abstenção é sem dúvida a melhor arma para quem está farto do regime da falsa representatividade e não se deixa enganar com a conversa do: “se não votares neste estás a dar força a outro partido”. Mentira!, a abstenção activa representa sim aqueles que não se revêem em ninguém e principalmente demonstra que estamos fartos deste regime em que vivemos.

As eleições europeias devem por sua vez ser alvo de um elevado nível de abstenção, pois de Bruxelas apenas vêm leis e normas que produzem injustiças e leis iníquas que se juntam às já injustas e desastrosas leis nacionais.

A União Europeia produz normas comunitárias, que produzem inúmeras injustiças sociais e económicas que prejudicam enormemente os trabalhadores, através de multas para o que se produz para o sector das pescas, visto que a UE tem normas muito restritivas neste sector, é intolerável que continuemos a ser alvo de leis emanadas lá do “longe”, se já não nos interessam as actividades dos governos nacionais, muito menos nos deve interessar o “governo comum”.

À parte tudo isto, convém lembrar que ao dinheiro de todos nós que vai ser gasto nestas eleições, pesa ainda o escândalo da nova lei de financiamento dos partidos em que consta a ausência de regras para a forma como estes mesmos partidos recebem dinheiros privados, que poderão vir de partes tão obscuras como empresários à procura de favores, e ainda mais grave de organismos de todo o tipo de traficantes.

É preciso fazer notar que além destas eleições, também quaisquer outras que se avizinham (autárquicas e legislativas) estão muito longe dos interesses reais e imediatos de quem trabalha realmente, pois além dos interesses antagonísticos da classe trabalhadora e da classe política, cada vez mais as pessoas perdem interesse nos actos eleitorais e na sujidade da vida política e parlamentar.

Os reais interesses de quem trabalha prendem-se invariavelmente e cada vez mais com a necessidade de trabalho (algo de muito distante para quem faz política), com a necessidade de pagar a prestação da casa e alimentar a família, e tais factos estão muito distantes daquilo que passa pelas assembleias de voto e pelos parlamentos.

Estas são razões mais que suficientes para que os eleitores se divorciem de vez da falsa participação cívica, eleitoral e política e travem no terreno da intervenção directa e no terreno da construção de alternativas sociais a luta real que visa os seus verdadeiros interesses económicos e sociais.

**Pela greve eleitoral!
Pela abstenção activa!
Contra todos os parlamentos!**

R.C.

Trabalho precário: uma nova forma de escravatura

Empresas de Trabalho Temporário: os novos mercadores de escravos*

A Conferência anual deste ano da Confederação Internacional das Empresas de Trabalho Temporário vai ter lugar em Lisboa, no Parque das Nações, de 27 a 29 de Maio. Ora, o trabalho temporário é um dos exemplos de precariedade laboral que está a aumentar desmedidamente. Em Portugal, os **trabalhadores precários** são já cerca de **milhão e meio**, dos quais, quase um terço é “contratado” através de empresas de trabalho temporário. Se adicionarmos os desempregados, os sub-empregados (trabalho parcial), os que estão sujeitos a formas encapotadas de desemprego (“empregados” em acções de formação, com reformas antecipadas, vítimas de rescisões por “acordo mútuo”, etc) e ainda os chamados trabalhadores ilegais, a percentagem de trabalhadores precarizados em Portugal pode ser estimada entre 40 e 50% do total de trabalhadores, o que seguramente nos coloca nos dois ou três primeiros lugares da precariedade na União Europeia.

Os contratos temporários chegam a ser de apenas um mês ou de uma semana, porém, devido ao desemprego e para sobreviver, são muitas as pessoas que se submetem a estas condições, enfrentando um clima de grande instabilidade. Com este tipo de contratação as empresas têm maior facilidade em despedir os trabalhadores, nunca os efectivando e, desta forma, aumentando exponencialmente os seus lucros. Para além de viverem numa incerteza, os trabalhadores são ainda obrigados a aceitar baixos salários pois, na maior parte das vezes, os empregos temporários são conseguidos através de empresas que se dedicam exclusivamente à angariação de pessoal para cederem a outras entidades, apropriando-se de grande parte do ordenado. Só na região de Lisboa e Vale do Tejo, são já cerca de duzentas as empresas de trabalho temporário (tais como a **Manpower**, a **Adecco**, a **Geserfor**, a **Select**, a **Multipessoal**, etc.) que se dedicam a comercializar trabalhadores para outras empresas.

As entidades patronais e o Estado, que não é mais do que o defensor das hostes capitalistas, defendem o trabalho temporário e também uma maior flexibilização das leis laborais para, dizem eles, aumentar a “competitividade da economia portuguesa” e diminuir o desemprego. Isto só prova que o papel do Estado é o de beneficiar uma minoria de privilegiados, nem que para isso tenha de escravizar a classe trabalhadora.

Apelamos aos trabalhadores e trabalhadoras a que lutem contra o flagelo e a escravidão agravada que representam o trabalho temporário e a precariedade em geral, sem perder de vista a necessidade de unir as suas forças numa verdadeira luta contra o duplo jugo do Capital e do Estado. Começemos a organizar-nos para a construção de uma nova sociedade, sem desigualdades sociais, porque a emancipação dos trabalhadores só poderá ser obra dos próprios trabalhadores.

**Contra o Estado e o Capital, Revolução Social!
Nem Estado nem patrão! Autogestão!**

Associação Internacional d@s Trabalhador@s - Secção Portuguesa
13/Maio/2009

*Panfleto distribuído no dia 27 de Maio na Gare do Oriente em Lisboa, ao mesmo tempo que se iniciava ali perto, na Feira Internacional de Lisboa, a Conferência Anual das E.T.T.

Pontos de vista

Parênteses à “Reflexão”

Relativamente ao texto intitulado “Reflexão”, publicado no último Boletim Anarco-Sindicalista” (BA-S nº31), tenho de fazer um parênteses ao referido texto.

O facto de se queimar carros, ou outros objectos de funcionalidade pública, e de uso social, só é aceitável, na minha opinião, quando necessário organizar uma defesa (leia-se barricada), para nos protegermos de ofensivas policiais, como por exemplo o lançamento de gás lacrimogéneo, ou do avanço de carros de “combate” policiais, contra quem defendemos a nossa dignidade e ideias. Frente a situações deste tipo, é aconselhável até usar-se, pondo um exemplo extremo, o lançamento de autocarros (sem condutores nem passageiros) contra as forças repressoras da liberdade. Faço parênteses também a que destruir, por exemplo, cabines telefónicas não resulta muito útil, pois estas não podendo ser utilizadas como protecções, são de muita utilidade a todos e todas os que não temos dinheiro suficiente para telefonar de um telefone privado, ficando muito mais em conta utilizar as cabines telefónicas para efectuar chamadas.

Francisco Nogueira

1º de Maio Antiautoritário e Anticapitalista em Lisboa



A AIT-SP participou na manifestação antiautoritária e anticapitalista, convocada para o dia 1 de Maio em Lisboa. Apesar da campanha negra orquestrada pelas forças de segurança, através da publicação de artigos no jornal *Diário de Notícias*¹, mais de cem pessoas participaram nesta manifestação.

Quanto a nós, militantes da AIT-SP, levámos uma faixa onde se lia “Capitalismo: Nem a sua crise, nem a sua prosperidade” e distribuimos um comunicado com o título “Lutar contra a crise? Lutar contra o capitalismo!”². Reafirmámos assim a nossa rejeição de qualquer reforma ou renovação do capitalismo, uma vez que o problema não são as “crises” do capitalismo, periódicas e nefastas sobretudo para os trabalhadores e camadas mais exploradas e marginalizadas da população, mas sim o próprio sistema capitalista, cuja “prosperidade” é também sempre conseguida à custa da exploração do trabalho assalariado, da privatização e destruição dos recursos naturais, de guerras fratricidas e imensamente lucrativas e da especulação desenfreada que prepara o caminho para novas crises.

Reproduzimos uma crónica desta manifestação retirada do blog *Rede Libertária* (<http://redelibertaria.blogspot.com>):

A partir das 16 horas, várias dezenas de pessoas foram comparecendo no Jardim do Príncipe Real. No local era visível a presença ostensiva de polícias à civil, para além do constante assédio de jornalistas a fotografarem e filmarem, procurando, inutilmente, organizadores e representantes. As pessoas foram chegando e, face ao descrito, umas tapavam a cara, outras não, enquanto vários panfletos iam circulando e a conversa se punha em dia, tentando evitar os ouvidos teleguiados da democrática bufaria.

Pouco antes das 17 horas, havendo já umas cem pessoas no local, foram abertas várias faixas: “Contra a exploração, acção directa!”, “Os bancos roubam-nos a vida. Iremos ao seu assalto!”, “Capitalismo: nem a sua crise nem a sua prosperidade!”, “Consumo, logo existo. Penso, logo esbanjo”.

A manifestação partiu então, cortando o trânsito num sentido e dificultando-o no outro, pela rua D. Pedro V, descendo as ruas de S. Pedro de Alcântara e da Misericórdia. Gritaram-se, em crescendo, frases contra o capitalismo, o Estado, os media e a polícia: “União, acção, insurreição, contra toda a opressão!”, “Nem Estado, nem patrão. Autogestão!”, “A, Anti, Anti-Capitalista!”, “Diário de Notícias: Diário de Polícias”, “Alerta! Alerta! Surto de gripe policial”, “A liberdade está nos nossos corações! Nem prisões, nem bófia, nem pátrias nem patrões”, “Os bancos estão-nos a queimar. Queimemos os bancos”, entre outras.

Entretanto, mais algumas dezenas de pessoas se foram juntando à manifestação. Já na rua Garrett continuou-se a gritar bem alto: “A vossa repressão só nos dá mais paixão!”.

Até ao Chiado a única presença aberta da polícia, para além dos inúmeros agentes à paisana, foi a de um carro patrulha que seguiu a manifestação. A partir do Chiado, um grupo de polícias a pé e em motorizadas esforçou-se por controlar o percurso. Mas em todo o momento a manifestação seguiu o percurso pretendido pelos manifestantes.

Na Rua do Carmo, local do violento ataque da PSP contra a manifestação antiautoritária contra o fascismo e o capitalismo de 25 de Abril de 2007, as gargantas esmeraram-se: “Aqui estamos outra vez, sem medo, sem lei”; “Um povo organizado vive sem Estado”. Algumas

lojas fecharam as portas e colocaram seguranças à porta...

Continuou-se até ao Rossio, onde a manifestação contornou a festa da União de Sindicatos Independentes, contrastando as nossas palavras de ordem com a actuação de um rancho folclórico em pleno palco, por certo lembrança de velhos tempos em que se comemorava a “alegria no trabalho”...

A manifestação terminou na Praça da Figueira, após o que os manifestantes foram dispersando.

Para nós, o balanço da manifestação é globalmente positivo. Mais de cem pessoas apareceram e assinalaram um Primeiro de Maio combativo, anti-autoritário e anticapitalista, independente das restantes iniciativas que tiveram lugar na mesma tarde. Isto, apesar das tentativas levadas a cabo pela polícia para, através de uma campanha de intimidação e desinformação por meio de artigos publicados na imprensa, isolar e assustar as pessoas que se identificassem com a convocatória e pudessem aparecer. Não deixa de ser positivo haver mais de cem pessoas que não se deixaram intimidar.

A vossa repressão só nos dá mais paixão!

anónimo@s

¹ Esta campanha é objecto de análise no artigo “Quando a polícia escreve nos jornais”, publicado no nº 1 da revista *Apoio Mútuo*, que pode ser acedido em formato digital no nosso blog ou pedido em papel, por e-mail ou carta dirigida ao nosso apartado.

² Este comunicado foi reproduzido nas páginas 1 e 12 do *Boletim Anarco-Sindicalista* nº 31.

O futuro do capitalismo português

O capitalismo português nunca brilhou pela excelência, mas o seu futuro torna-se progressivamente mais negro com o avançar do tempo. Dominado por empresas de dimensões irrisórias, pessimamente organizadas, mal dirigidas e com escassíssimas possibilidades de aumento da produtividade do trabalho, eternamente dependentes da exploração de uma mão-de-obra barata que, para se manter lucrativa, agora tem mesmo que ser submetida a condições de superexploração, com a depressão dos salários para níveis bem abaixo do custo de reprodução da força de trabalho, o que por si só nos revela um capitalismo disfuncional e, a médio prazo, insustentável, o capitalismo português não tem condições para sobreviver na selva do mercado globalizado, sendo derrotado mesmo no seu próprio terreno, com as empresas nacionais a demonstrarem-se incapazes para abastecer mesmo o mercado interno, agora dependente das importações para obter 70% de tudo aquilo que o país consome. A dívida externa aproxima-se rapidamente dos 100% do PIB e prevê-se que o país entre em bancarrota já por volta de 2012; até lá, a crise internacional vai-se traduzindo em vagas de falências a abaterem-se continuamente sobre o já muito esfarrapado tecido produtivo nacional.

À medida que a produtividade do trabalho progride nos países capitalistas mais avançados, à medida que os custos com o chamado capital fixo se tornam de tal forma elevados que reduzem as despesas salariais a uns míseros 12 a 15% do total, a mão-de-obra barata vai perdendo cada vez mais a sua capacidade para se aguentar na corrida contra os capitais mais produtivos, ou seja, a principal arma nas mãos do capital português para se sustentar na luta contra o capital estrangeiro vai proporcionar-lhe um retorno cada vez menor. Não duvidemos, contudo, de que este retorno progressivamente menor da exploração da mão-de-obra barata se terá que traduzir necessariamente numa exploração agravada, acompanhada pela consequente depressão do nível de vida da classe trabalhadora portuguesa porque, à medida que a exploração do trabalho render cada vez menos mais-valia, o impulso para o agravamento dessa exploração será cada vez maior. Depois do desgaste que lhe foi infligido pela crise, a resolução da mesma não se vai traduzir num balão de oxigénio para o capitalismo português, mas antes o vai confrontar com o relativo agravamento das suas debilidades estruturais, o ainda maior esvaziamento das suas capacidades produtivas e a dizimação de boa parte do seu tecido empresarial, confrontado com uma produtividade do trabalho globalmente acrescida e um sistema capitalista internacional saneado, contra os quais terá novamente que se bater.

Os pobres podem ser alienados pelo sistema político sem grande risco e é necessário que esse abandono se traduza em formas extremas de degradação das suas condições de existência para que comecem a surgir os princípios de um processo popular de contestação e resposta, mas, mesmo assim, essa resposta será sempre lenta e far-se-á sempre demorar no tempo. Mas, quando são os ricos a não se sentirem representados, as coisas terão que se passar de uma forma necessariamente diferente, bastante mais perigosa e mais rápida. Entra-se num período de crise política.

O país atravessa uma crise semelhante. O sistema político pós-25 de Abril perdeu a sua credibilidade, mercê do beco sem saída em que se traduziu a política seguida pelo consenso socialista/social-democrata, ocupado sobretudo em estabilizar depressa o capitalismo português após o PREC. A Europa prometia fundos. A questão sobre o que ia acontecer a um capitalismo incipiente confrontado com os poderosos capitais europeus, se foi formulada, teve que ser deixada para mais tarde. Para já, esperava-se o balão de oxigénio do investimento estrangeiro e oferecia-se-lhe uma mão-de-obra barata e já relativamente docilizada. Seguindo a boa cartilha keynesiana, os sucessivos governos abriram buracos para de seguida os taparem com betão e asfalto. A construção civil tornou-se a maior indústria do país, responsável por metade do investimento privado. Intensiva em mão-de-obra e pouco necessitada de qualificação profissional, a betoneira parecia ideal, mas todas as debilidades estruturais do capitalismo português ficaram por atender e foram-se agravando.

Em face destas debilidades, os bilhões de Bruxelas traduziram-se, previsivelmente, não numa ajuda à produção, mas num subsídio ao consumo, com 0,70€ recebidos a voltarem para o exterior sob a forma de importações por cada Euro recebido à medida que as portas do mercado nacional eram escancaradas ao capital estrangeiro, que não tardou em dominá-lo. A facção mais atenta da burguesia portuguesa não deixou de notar isto, ainda que não lhe restasse outra atitude além da de cruzar os braços. O país, de industrialização incipiente, desindustrializou-se. O processo concluiu-se com a emergência de fontes de mão-de-obra bastante mais baratas que a portuguesa e a consequente evaporação do capital estrangeiro, que chegou a representar três quartos de todo o capital em determinados sectores de actividade nas décadas de 60 e 70, antes do 25 de Abril.

O mal-estar traduz-se num processo de criação de novos partidos, animados pelas elites económicas, assim como no aparecimento de cisões nos partidos já existentes, mas estes novos partidos, necessariamente pequenos, são também

necessariamente impotentes e, pela sua linha de pensamento, revelam-se incapazes para pensar e compreender o país em que vivem, não oferecendo solução para coisa nenhuma. Por ironia, o partido que melhor compreende o capitalismo português é justamente aquele que nunca terá qualquer possibilidade de se fazer ouvir. É que, supostamente, esse partido é anti-capitalista, ou pelo menos, está consciente de que, em Portugal, o sistema capitalista terá que ser salvo contra a vontade e os interesses dos próprios capitalistas, que só o poderão arrastar para o colapso. Falamos, naturalmente, do PCP que, sob a capa do marxismo-leninismo, cumpre na política portuguesa as funções de social-democracia *de facto* e é por essa razão – e não outra – que ainda desfruta de alguma popularidade, apesar de toda a mitologia que se teceu a seu respeito. Mas, num país onde boa parte das empresas só sobrevive, como já o dissemos, à custa da sobre-exploração, mesmo a social-democracia só pode ser encarada com ódio, despertando invariavelmente a animosidade da classe dominante e sendo excluída por esta do poder, por mais moderadas que se mostrem as suas pretensões.

Para o presente, uma classe trabalhadora amorfa e desorganizada vai continuar a encaixar os golpes vindos de cima. Contra o ataque continuado do binómio Estado-patronato, onde cada novo executivo acrescenta as suas próprias agressões às do seu predecessor, as burocracias sindicais oferecem uma resposta meramente nominal, que serve, tal como as respostas políticas do Governo a uma crise que não consegue controlar, apenas para *mostrar serviço* e as consequências práticas deste simulacro de sindicalismo espelham na perfeição as daquele outro eterno simulacro que é a política. O descrédito e o abandono dos sindicatos pelos trabalhadores são o reflexo exacto do abandono dos partidos políticos pelos eleitores.

Para efeitos práticos, *ninguém* é defendido por *nada* e, se a ofensiva do Capital corresponde, como é o caso, a uma necessidade premente do sistema, nenhuma resposta ligeira poderá mudar nada – é por isso que o sindicalismo foge à luta. Sabe-se condenado à derrota e não quer expor a sua própria bancarrota reformista aos trabalhadores, tal como não quer que o patronato e o Estado percebam que ele não passa de um tigre de papel, o que lhes redobrará a audácia. Ou os trabalhadores continuam a suportar sobre os seus ombros o peso cada vez maior de um capitalismo em declínio, ou se levantam e lutam, mas a luta, neste caso, só pode ter como alvo a existência do sistema enquanto um todo.

Que se compreenda isto.

José Trindade
Junho de 2009



Espanha: Trabalhador faz greve de fome após ter sido despedido como represália pela sua acção sindical*

A empresa concessionária do serviço de recolha do lixo e limpeza das ruas de Pilar de la Horadada (Alicante, Espanha) - STV Gestión - despediu em Março o trabalhador José Antonio Gracia Figueroa, secretário da secção sindical da CNT na empresa, alegando que este não respondeu correctamente quando a empresa lhe impôs uma sanção de dez dias de suspensão (sem receber ordenado) apenas porque tomou uma vacina no Centro de Saúde em vez de o fazer nos serviços médicos da firma que, aliás, já lhe tinham diagnosticado erradamente uma hepatite... Este despedimento faz parte de uma estratégia da empresa de perseguição e intimidação dos trabalhadores pela sua acção sindical. Já antes foram despedidos dois trabalhadores pertencentes à CNT e outro foi suspenso por trinta dias por faltar um dia ao trabalho porque foi de urgência ao hospital com o seu filho bebé, apesar de entregar uma justificação da sua ausência.

A 2 de Abril, José Antonio iniciou uma greve de fome exigindo a sua readmissão na empresa e encontra-se agora internado no hospital. Entretanto, em solidariedade com o companheiro e sua família (incluindo três filhos pequenos) e com todos os trabalhadores da STV Gestión, a CNT tem organizado várias acções de protesto que têm contado com o apoio de muitas pessoas da localidade. **READMISSÃO IMEDIATA PARA JOSÉ ANTONIO!**

Para enviar cartas de apoio a José Antonio Gracia Figueroa: C/ Villajoyosa nº42 – 03190 Pilar de la Horadada (Alicante) – Espanha.

* Artigo escrito com base em informações recebidas da CNT de Cartagena y Vega Baja e retiradas do site: <http://www.laconfederacion.es/>

Reino Unido: Trabalhadores da Visteon/Ford ocupam fábrica

Os trabalhadores da Visteon - fábrica de peças para automóveis, subsidiária da Ford - ocuparam as suas fábricas em Belfast, Enfield e Basildon no dia 1 de Abril, após terem sido informados no dia anterior, numa reunião de apenas 6 minutos, que a

empresa ia fechar e que eles tinham de sair de imediato, sem qualquer garantia de pagamento. Os 565 trabalhadores, alguns há décadas na empresa, não cruzaram os braços e ocuparam as fábricas, primeiro em Belfast e depois nas outras duas unidades, exigindo que lhes pagassem tudo o que lhes era devido e que a Ford cumprisse o acordo que fez em 2000, no qual assegurou que os funcionários da Visteon teriam os mesmos direitos que os da Ford.

Até Maio mantinha-se ainda a ocupação da unidade fabril em Belfast e piquetes de 24 horas em Enfield. A firmeza dos trabalhadores na sua luta, assim como a solidariedade de todos aqueles que se lhes juntaram fizeram a Visteon/Ford voltar atrás nos valores iniciais de indemnização que havia dito, oferecendo agora um pagamento dez vezes superior. Contudo, o conflito mantém-se até que a Visteon/Ford pague a todos os trabalhadores aquilo que eles exigem.

Mais informação em: <http://visteonoccupation.wordpress.com/>



Espanha: Ryanair despede trabalhador pela sua acção sindical

A 27 de Março, a companhia aérea Ryanair, despediu o delegado da secção sindical da CNT na sede da empresa no Aeroporto de Zaragoza. Este trabalhador foi reprimido pela sua afiliação à CNT e também por, juntamente com outros trabalhadores, reivindicar que a empresa volte a pagar um ordenado completo, como fez até Janeiro deste ano, porque o volume de trabalho é o mesmo, mas agora tem de se trabalhar em menos tempo recebendo um salário mais baixo; e ainda que a empresa substitua os actuais contratos temporários por outros de tempo indefinido e com horário completo.

O companheiro despedido recusou-se a aceitar uma indemnização pelo seu despedimento e continua a lutar, com o apoio da CNT, pela sua readmissão imediata. Entretanto, noutros países, como na Alemanha e em França, as respectivas secções da AIT realizaram acções de protesto contra as medidas repressivas da Ryanair.

Mais informação em: <http://cntryanair.wordpress.com/>



Espanha: Amadeu Casellas faz nova greve de fome e sofre represálias na prisão*

Após ter feito no Verão passado uma greve de fome de 76 dias, que apenas terminou com a garantia da satisfação de algumas das suas reivindicações, Amadeu Casellas, detido em Barcelona, iniciou uma nova greve de fome no dia 20 de Abril deste ano, porque o Estado espanhol continua a impedir a sua liberdade, não lhe permitindo as saídas ao exterior, como lhe havia sido prometido. Apesar de Amadeu possuir todas as condições para que lhe concedam a liberdade condicional, incluindo um posto de trabalho, tudo lhe é sistematicamente negado, porque ele representa um exemplo de coragem e luta contra o sistema prisional que o Estado quer reprimir a todo o custo.

Amadeu esteve também três dias sem beber nada, o que piorou o seu estado de saúde já bastante debilitado, e apesar de ter parado com a greve de sede, continua em greve de fome. Para piorar a situação, o director da prisão Brians 2, onde Amadeu se encontra, na enfermaria, encetou uma série de represálias contra Amadeu, entre elas a proibição de todas as comunicações orais com pessoas que não sejam membros da família; a verificação das entradas e saídas de correio e ainda uma revista à sua cela para apreensão de documentação e objectos pessoais que foram devolvidos no dia seguinte. Estas medidas repressivas são justificadas pela direcção prisional com um suposto "risco para o pessoal e para a prisão", porque estabelecem uma ligação directa entre os comunicados de Amadeu que estão amplamente divulgados e algumas "acções violentas contra materiais e pessoas (...) de grupos anti-sistema". É óbvio que Amadeu não tem qualquer responsabilidade nas acções referidas, estas são feitas por gente que se solidariza com a sua luta e age autonomamente. Porém, tudo é aproveitado como desculpa para o manter atrás das grades.

É urgente expressarmos a nossa solidariedade até que Amadeu esteja finalmente em liberdade...

Para envio de e-mails, cartas e faxes em protesto contra a situação de Amadeu, ver direcções e proposta de carta em: <http://llibertatamadeu.blogspot.com/>

* Artigo escrito com base em informações recebidas da CNT de Manresa e retiradas do site: <http://llibertatamadeu.blogspot.com>

Espanha: Liberdade para Joaquín Garcés!

Joaquín Gracés Villacampa é um companheiro anarquista que está preso em Espanha há mais de 22 anos por expropriações que realizou para apoiar as lutas revolucionárias nos finais dos anos 70. Sempre lhe negaram todas as possibilidades de obtenção de licenças para saídas ao exterior, porque a sua luta continuou no interior das várias prisões por onde passou, e ele sempre se revelou um “incómodo” para o Estado. Finalmente, em Maio de 2003, conseguiu uma permissão de saída, e aproveitou para não voltar à prisão. Contudo, em Setembro, Joaquín foi novamente detido juntamente com outros companheiros por diversas acções de solidariedade com vários presos e, em consequência disso, foi condenado a 7 anos e meio de prisão. Ainda em 2003, o advogado de Joaquín apercebeu-se de uma irregularidade na condenação anterior de Joaquín, que **cumpriu 5 anos a mais na prisão**. De acordo com as próprias leis do Estado, Joaquín já deveria estar em liberdade, porém, permanece sequestrado na prisão.

Joaquín tem-se negado a se alimentar todas as segundas-feiras e rejeita qualquer tratamento médico vindo da prisão, em protesto contra a sua situação e também de todos os presos.

A injusta situação deste companheiro é mais uma prova como a justiça e as leis do Estado só servem os ricos e poderosos e nunca são aplicadas da mesma forma para quem se revolta contra esta sociedade autoritária. A verdadeira justiça nasce da igualdade entre todos e para haver igualdade é preciso que destruamos todas as formas de poder. Solidarizemo-nos com Joaquín Garcés e com todos/as os/as presos/as! Pelo fim de todas as prisões!

Mais informação em:

<http://libertadjoaquinarcés.blogspot.com/>
Para escrever a Joaquín Garcés Villacampa:
C.P. Castellón – Ctra Alcora, Km10 – 12006 – Castellón – Espanha.

Rússia e Ucrânia: Aumenta a repressão contra os antifascistas*

Numa altura em que a situação económico-social se agrava e quem detém o poder recebe maiores revoltas das populações, aumenta a repressão sobre os movimentos sociais em todo o mundo. A perseguição estatal aos antifascistas da Rússia e da Ucrânia é um bom exemplo disso...

Apenas nos primeiros quatro meses de 2009, pelo menos **23 pessoas foram mortas e 98 feridas em ataques racistas na Rússia**. Na Ucrânia, o presidente, Victor Yuschenko, chegou a

referir-se aos nazis como “patriotas”, revelando claramente a simpatia que lhes nutre. Em ambos os países, vários antifascistas têm sido incriminados, com falsas acusações, e condenados por se defenderem dos ataques de nazis. No dia 21 de Abril, Aleksey Olesinov, de Moscovo, foi condenado a um ano de prisão por uma briga num bar que simplesmente não aconteceu. A 8 de Maio, em São Petersburgo, Aleksey Bychin foi sentenciado com cinco anos de prisão por uma briga com dois nazis (um deles polícia). A 14 de Maio, Artur Valeev foi condenado a cumprir 4 anos de prisão por causar pequenos ferimentos num nazi que o atacou em Novembro de 2008. Estes são apenas alguns exemplos dos mais de 80 antifascistas que foram presos o ano passado por diferentes motivos e é de salientar que é conhecido o envolvimento da polícia com os nazis, que em conjunto fabricaram vários casos criminais contra os antifascistas.

Foi feito um apelo internacional de solidariedade com os antifascistas russos e ucranianos para os dias 24 e 25 de Maio. Mantenhamos acesa a chama da solidariedade!

* Artigo escrito com base em informações recebidas da Agência de Notícias Anarquistas - ANA

Repressão policial e ataques neonazis na Sérvia

Através da ASI (Iniciativa Anarco-Sindicalista, secção sérvia da AIT), tivemos conhecimento da detenção de companheiros anarquistas e anarco-sindicalistas em protestos contra a visita de Joseph Biden, vice-presidente dos EUA, a Belgrado em Maio e de um ataque contra companheiros antifascistas em Belgrado no dia 9 de Junho.

Para dar conhecimento destes acontecimentos, reproduzimos um artigo sobre as detenções de Maio e de seguida uma tradução de um comunicado da Iniciativa Antifascista de Belgrado sobre os ataques neonazis.

Anarco-sindicalistas sérvios detidos em protestos contra os E.U.A.

No dia 20 de Maio, por ocasião da visita do vice-presidente dos Estados Unidos da América Joseph Biden a Belgrado, um grupo de anarquistas, entre os quais a ASI (Iniciativa Anarco-Sindicalista, secção sérvia da AIT), organizou um protesto “ilegal” no centro da cidade. Durante a acção, Ratibor Trivunac, membro da ASI e actual secretário-geral da AIT, queimou uma bandeira estadunidense e leu um comunicado condenando o papel dos EUA na reprodução das relações capitalistas, nas guerras, na exploração e discriminação em todo o mundo.

Na sequência desta acção, Ratibor foi detido, presente a um juiz e condenado a 10 dias de prisão. No entanto, foi libertado no dia 22. Neste mesmo dia, após um protesto pela sua libertação no centro de Belgrado, em que foram distribuídas e queimadas bandeiras dos EUA, uma companheira anarquista que leu um comunicado em público foi também detida pela polícia, que agiu com violência contra a resistência dos manifestantes à detenção.

Ataque cobarde de neonazis contra antifascistas em Belgrado

Na noite de 9 de Junho, 15 neonazis atacaram três antifascistas no centro de Belgrado, em frente do cinema “Odeon”. Uma companheira e dois companheiros - A.S., M.P. e R.T. - activos no movimento revolucionário e antifascista, caminhavam na direcção do edifício “Beogradjanka” quando foram atacados pelas costas. Cerca de 15 neonazis, incluindo alguns mascarados, atiraram um grande número de pedras que atingiram os nossos companheiros.

Surpreendendo-os, os neonazis conseguiram roubar o saco à companheira A.S. e gazear o companheiro R.T., enquanto atacavam fisicamente dois transeuntes desconhecidos. Mas os nossos companheiros responderam adequadamente, utilizando tudo o que tinham à mão e, alertando a população sobre o que estava a acontecer, conseguiram afastar a escumalha fascista.

Este ataque é apenas mais um de uma longa lista de acções neonazis que têm tido lugar nos últimos dias em Belgrado. Por exemplo, no dia 1 de Junho, um grupo de jovens que regressava de um concerto foi vítima, muito provavelmente, do mesmo grupo. Tudo aponta para que estes ataques sejam resultado da cooperação entre a organização fascista “Obraz” e o grupo nazi ilegal “Nacionalni Stroj” que utiliza como capa legal a organização não-governamental “Novi srpski program” (Novo Programa Sérvio). Trata-se de uma campanha organizada, através da qual grupos fascistas estão a tentar intimidar os habitantes de Belgrado, atacando todos os que possam parecer antifascistas activos.

Não é aceitável que actualmente na Sérvia alguém pretenda seguir as ideias dos nazis da 2ª Guerra Mundial. Não toleraremos ataques desta escumalha racista contra antifascistas, ciganos e todas as pessoas que pareçam “indesejáveis” aos seus olhos. Os gangues nazis não permanecerão impunes! De acordo com a nossa tradição libertária, responderemos com uma resistência organizada.

Estamos seguros de que a sociedade dará uma resposta clara a estas tentativas de intimidação e de tomada das ruas pelos neonazis. As ruas pertencem ao povo, não aos gangues fascistas!

Morte ao fascismo!

Iniciativa Antifascista de Belgrado

Massacre no Perú

Depois da assinatura do Tratado de Livre Comércio (TLC) com os Estados Unidos, o governo do Perú aprovou em 2008 várias leis que facilitam a implementação de companhias petrolíferas, de gás, mineiras, turísticas, madeireiras, entre outras, em cerca de 60% das terras da Amazónia, para explorarem livremente os seus recursos. São exemplos destas empresas, a Perenco (França), a Petrobras (Brasil), a BPZ Energy (Estados Unidos), a Repsol (Espanha), etc.

As comunidades indígenas revoltaram-se de imediato contra estas leis que não só conduzirão à expropriação das suas terras como à própria destruição da Amazónia e desde Abril deste ano que os protestos se intensificaram, com o bloqueio pelas populações de alguns pontos estratégicos: diversas estradas, um porto fluvial, um pequeno aeródromo, etc. A 5 de Junho, durante um desses bloqueios, numa estrada da cidade de Bagua, a Norte do Perú, as tropas e polícias peruanas, com o aval de Alan García, presidente do país, atacaram violentamente os manifestantes, por terra e por ar. Desta repressão feroz do Estado, resultaram mais de **50 mortos, cerca de 150 feridos e 61 pessoas desaparecidas**. As fotos destes acontecimentos revelam-nos um autêntico massacre, com corpos torturados, nus, com ferimentos de balas por armas de fogo ou queimaduras. Existem vários relatos de que as forças policiais nem sequer permitiram que as ambulâncias passassem para auxiliar os feridos durante longas horas. Há também o registo de cerca de **133 pessoas detidas**, muitas delas sem qualquer acusação formal, sem entenderem verdadeiramente o que se passa porque não compreendem a língua em que lhes falam e sofrendo ainda represálias na prisão.

A repressão perpetuada pelo governo Peruano é a resposta normal de qualquer Estado face a quem se rebela contra o seu poder. Os interesses capitalistas das multinacionais que se querem instalar na Amazónia estão acima das próprias leis peruanas, pois o Estado não se coíbe de violar os seus tratados internacionais – que estabelecem a consulta prévia aos povos da Amazónia, antes de qualquer acção nos seus territórios – utilizando a “economia de mercado” ou o “desenvolvimento económico”, como justificações de todas as suas tiranias, suprimindo qualquer revolta popular.

As populações da Amazónia peruana, habituadas há muitos anos à perseguição estatal, não cruzaram os braços e continuam a lutar pelas suas terras, pela sua cultura e forma de vida. Incendiaram vários edifícios do Estado, sequestraram alguns agentes da polícia e convocaram uma greve nacional por tempo indefinido que está a ter uma grande adesão, com a paralisação de imensos sectores da economia. Houve mais feridos e algumas detenções nos vários protestos que se sucederam em diferentes regiões peruanas, e as comunidades indígenas apelam à solidariedade internacional. Porque a sua luta é também a nossa luta, comecemos desde já a mostrar a nossa solidariedade!



Revista Apoio Mútuo

Foi editado o primeiro número da revista teórica e cultural da AIT-SP *Apoio Mútuo*. Pretende-se com esta revista, tal como é enunciado no texto de apresentação, aprofundar o debate de ideias em torno das várias correntes de opinião libertárias, assim como promover a análise de questões que possam, directa ou indirectamente, interessar à luta dos oprimidos e deserdados pela sua libertação de toda a espécie de tiranias.

Neste primeiro número podemos ler: “Organização Revolucionária e Revolução Social”, um artigo de Vadim Grayevski, militante da secção russa da AIT, que postula a necessidade de organizações de trabalhadores com a finalidade do comunismo libertário; “A revolução que vem?”, texto da autoria de militantes da CNT-AIT francesa que analisa o actual momento de crise do “credo capitalista” e rejeita as tentativas de renovação do sistema capitalista; “Paris, 1968. Recordações de Abel Paz sobre os acontecimentos do Maio francês”; “Quando a polícia escreve nos jornais... A estratégia policial contra os movimentos e revoltas sociais”, texto sobre a recente campanha de artigos contra o anarquismo publicados no jornal *Diário de Notícias*; e ainda duas notas biográficas sobre Abel Paz e Edgar Rodrigues, dois historiadores do movimento libertário recentemente falecidos.

A revista encontra-se disponível para *download* em PDF no blog da AIT-SP (<http://ait-sp.blogspot.com>). Os pedidos da edição em papel podem ser feitos escrevendo para o nosso e-mail (aitport@yahoo.com) ou para o nosso apartado (Apartado 50029 / 1701 - 001 Lisboa).

Toda a correspondência para o Boletim Anarco-Sindicalista deve ser enviada para:

Apartado 50029 / 1701 - 001 Lisboa / Portugal

E-mail: aitport@yahoo.com



O Boletim Anarco-Sindicalista em PDF, a partir do número 22, pode ser descarregado da Internet em:

<http://ait-sp.blogspot.com>